
Audiovisualidades plataformizadas e tecnocultura: materialidades, algoritmos e imaginários sociotécnicos¹

Belisa Zoehler GIORGIS²
Tiago Ricciardi Correa LOPES³
Universidade de Milão, Itália

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O presente trabalho debate abordagens teóricas que se referem à perspectiva das audiovisualidades e da tecnocultura no que tange à plataformização, em sua lógica algorítmica e implicada com imaginários sociotécnicos. O objetivo é realizar um debate a respeito, observando-se as nuances, limites, possibilidades e desdobramentos no contexto contemporâneo. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. Concluímos, com o estudo, a importância de um debate dos conceitos de audiovisualidades, tecnocultura, plataformização e imaginários sociotécnicos a partir de um olhar atual, buscando contribuir para o campo da Comunicação e ampliar a discussão no ambiente da pesquisa acadêmica e na sociedade.

Palavras-chave: audiovisualidades; tecnocultura; plataformização; algoritmos; imaginários sociotécnicos.

Introdução

A plataformização dos diferentes processos em sociedade abrange uma ampla gama de esferas no contexto contemporâneo. Isso está implicado com a forma como esse movimento se articula nos mais variados âmbitos, tocando em elementos referentes à tecnocultura e às suas imbricações, também fortemente relacionadas com as audiovisualidades e a outras questões a isso vinculadas.

Buscando propor uma discussão a partir disso, visando a colaborar com olhares sobre estas circunstâncias e fenômenos que delas se desdobram, o presente trabalho debate abordagens teóricas que se referem à perspectiva das audiovisualidades e da tecnocultura no que tange à plataformização, em sua lógica algorítmica e implicada com

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação na Unisinos, com estágio doutoral junto ao Departamento de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Milão, e-mail: belisa@gmail.com

³ Professor da Escola da Indústria Criativa e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, e-mail: tricciardi@unisinos.br

imaginários sociotécnicos. Com isso, apresentamos uma discussão entre os conceitos de autores dessas temáticas.

Assim, colocamos a questão de pesquisa: como se articulam na atualidade conceitos referentes a audiovisualidades plataformizadas e tecnocultura, desdobrados em imaginários sociotécnicos? O objetivo é realizar um debate a respeito, observando-se as nuances, limites, possibilidades e desdobramentos no contexto contemporâneo.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. Foram, portanto, consultados autores que tratam dessas temáticas e conceitos, tensionando diferentes aspectos relevantes na atualidade, para trazer um olhar contemporâneo e crítico. Dessa forma, a discussão é baseada em autores como Debra Shaw (2008), Gustavo Fischer (2013; 2015), este com Suzana Kilpp (2010) e esta também em obra individual (2015), Sonia Montañó (2015), Marshall McLuhan (1969), Jose van Djick (2013) e esta com Thomas Poell e Martijn De Waal (2018), Thomas Poell, David Nieborg e Jose van Djick (2020), Wendy Chun (2005; 2021), Alexander Galloway (2012), Benjamin Edward Burroughs (2015), Tiziano Bonini e Alessandro Gandini (2019), Taina Bucher (2017), Anne-Britt Gran, Peter Booth e Taina Bucher (2020), Sophie Bishop (2019), Sheila Jasanoff (2015) e esta com Sang-Hyun Kim (2009), Astrid Mager e Christian Katzenbach (2021), e Vanessa Valiati e Sandra Montardo (2019).

Iniciamos este trabalho com conceitos referentes a audiovisualidades, à tecnocultura e à plataformização, detalhando também elementos a isso pertinentes, como as lógicas algoritmizadas das plataformas e outras questões a isso vinculadas. A seguir, realizamos a discussão disso em relação a algoritmos e imaginários sociotécnicos, junto a demais desdobramentos nisso implicados e que daí decorrem. Por fim, nas considerações finais, apontamos e ponderamos questões sobre o debatido no trabalho.

Passamos, portanto, ao desenvolvimento da discussão que aqui se propõe, com o início dos detalhes teóricos.

Audiovisualidades, tecnocultura e plataformização

Para este trabalho, iremos considerar noções de audiovisualidades a partir da perspectiva tecnocultural e relacionadas com plataformização. As audiovisualidades constituem-se como virtualidades que se atualizam, considerando-se os audiovisuais em suas dimensões cultural, técnica e discursiva. A expressão e significação de experiência

do mundo a partir de construtos audiovisuais, assim como usos, apropriações e configurações das linguagens, é a dimensão cultural. A dimensão técnica observa, em contextos não reconhecidamente audiovisuais, as audiovisualidades. A convergência de formatos, tecnologias e suportes como constituinte de um campo contemporâneo no qual o audiovisual é compreendido, é a dimensão discursiva (KILPP, 2015).

Nesse âmbito, as audiovisualidades entendem-se como devires ou qualidades audiovisuais (FISCHER, 2015), e o audiovisual é percebido como uma virtualidade que tanto se atualiza nas mídias como, também, as transcende (KILPP; FISCHER, 2010), permanecendo em potência e em devir (KILPP, 2015).

Considerando-se a abordagem que se propõe, a partir de uma visada tecnocultural, temos que a tecnocultura constitui-se como a interdependência entre cultura e tecnologia (SHAW, 2008). Ainda que tratando-se de um conceito que possui diferentes nuances e olhares em meio a disputas de percepções (FISCHER, 2013), a tecnocultura tem a possibilidade de referir-se a tecnologias dentro de uma formação mais ampla na sua relação com fenômenos culturais, para além do que se propõe como cultura digital (LISTER, 2009, apud FISCHER, 2013). Essa abordagem possibilita evidenciar o ambiente no qual se articulam as relações entre a cultura transformada por uma mídia e esta mesma mídia (MONTAÑO, 2015).

A tecnocultura coloca-se, portanto, como uma perspectiva que observa a relação entre cultura e tecnologia. Contempla, ainda, a forma como padrões de literatura, arte, política, cultura popular, estruturas econômicas e vida social expressam essa relação (SHAW, 2008). A construção de um olhar a partir da tecnocultura pressupõe a possibilidade da emergência de formas culturais alternativas, como o audiovisual e suas potenciais tendências experimentais, por meio das escolhas epistemológicas, que se desdobram teórico-metodológicas e que estruturam o conhecimento e essa visada tecnocultural (SHAW, 2008, apud FISCHER, 2013).

Observamos, neste âmbito, que as audiovisualidades, no contexto contemporâneo, são amplamente plataformizadas. Consideramos, nisso, que a circunstância dos distintos setores econômicos e esferas da vida estarem perpassados na atualidade por plataformas digitais define-se como plataformização, o que também incide em processos de reorganização de práticas e de imaginários culturais (POELL et al., 2020).

As plataformas são estruturas alimentadas por dados que são organizados e automatizados por meio de algoritmos e interfaces, ao mesmo tempo que adquirem

formalização a partir de relações de propriedade, as quais são guiadas por modelos de negócio, e regidas de acordo com termos de uso (DIJCK et al., 2018). Os aspectos tecnológicos e econômicos das plataformas contribuem para moldar o comportamento de seus usuários e normas sociais (DIJCK et al., 2018), motivando determinadas ações em seu uso e desestimulando outras, e assim, organizando suas interações (HELMOND, 2015 apud DIJCK et al., 2018).

As plataformas, que são infraestruturas digitais altamente conectadas e globais, são o meio pelo qual acontecem, de forma crescente, as interações sociais e econômicas na sociedade (GUTTENTAG, 2013; DAVIES et al., 2017; STABROWSKI, 2017 apud DIJCK et al., 2018). Vê-se, portanto, a implicação das tecnologias desdobradas no processo de plataformização com as transformações nas mídias e na cultura por elas modificada, incidindo em fenômenos culturais e no que deles decorre.

Para além de serem conceitos arquitetônicos e computacionais, as plataformas são infraestruturas performativas e planos de ação política. Por meio de algoritmos, as plataformas, como *software*, *hardware* e serviços, processam dados, traduzindo sua lógica em interfaces amigáveis de acordo com escolhas estratégicas (GILLESPIE, 2010 apud DIJCK, 2013). Essas infraestruturas digitais são reprogramáveis e, por meio do processamento algorítmico, circulação, monetização e coleta sistemática de dados, facilitam e moldam as interações entre os usuários e os complementadores – aqueles que nelas disponibilizam os serviços e os conteúdos –, que vêm a ser personalizadas (POELL et al., 2020).

É preciso considerar, em consonância com isso, que sempre houve uma relação entre ideologia e os *softwares*, ou plataformas, que conduzem mídias, (GALLOWAY, 2012), funcionando os computadores como máquinas ideológicas, compreendidos como *hardware* e *software* (CHUN, 2005). Isso ocorre considerando-se definições de ideologia tanto como a relação de sujeitos, de modo imaginário, com suas condições reais de existência, por meio de sua representação, como uma falsa consciência (ALTHUSSER, 2001 apud CHUN, 2005).

Ideologia tornada maquínica, o *software* é a transposição desta em lógicas simbólicas e estruturas de dados, e é algorítmicamente afetivo, estando dividido entre máquina e linguagem e sendo um objeto cultural e técnico, cuja interpretação propõe-se que seja política (GALLOWAY, 2012). Da mesma forma, compreendemos que isso se coloca como imprescindível para o desenvolvimento de um adequado olhar sobre as

plataformas. Estes aspectos incidem em questões tecnoculturais, pois estão vinculados de forma direta com o modo como se estabelece a relação entre cultura e tecnologia a partir dos usos e apropriações de produção e consumo que decorrem dessas características das plataformas.

As audiovisualidades e seu uso estratégico também perpassam os detalhamentos e desdobramentos das circunstâncias presentes nas plataformas, que ressignificam diferentes fazeres e percepções de quem as utiliza. Desse modo, refletem em uma tecnocultura que se modifica tanto a partir da inter-relação entre as transformações tecnológicas como nas sociais, em um processo de retroalimentação entre as diferentes esferas.

Isso se relaciona também com a disponibilização dos conteúdos audiovisuais em plataformas, que vem sendo realizada principalmente por meio da tecnologia *streaming*, um processo tecnológico de multimídia continuamente disponibilizada a um usuário (LARSEN, 2007, apud BURROUGHS, 2015) que proporciona que este, sem realizar o *download* completo de um conteúdo, possa já iniciar a consumi-lo, a partir do seu carregamento de dados em fluxo. As plataformas de *streaming* são definidas pela disponibilização de uma ampla gama de conteúdo, gratuitamente sob determinadas condições, ou mediante a assinatura, por um valor pré-determinado por mês (DATTA et al., 2017, apud MONTARDO; VALIATI, 2019).

Estratégias de acesso livre de plataformas decorrem de um ecossistema em que serviços convenientes são trocados por dados pessoais (SCHNEIER, 2015 apud DJICK et al., 2018). O uso disso pode se articular para direcionamento de conteúdos, de novos contatos de usuários e de anúncios, assim como esses dados podem ser comercializados para empresas e órgãos governamentais (DJICK et al., 2018). Esse ecossistema informacional tem em seu epicentro as empresas de tecnologia Google, Facebook, Apple, Amazon e Microsoft. As plataformas, quando conectadas a esse ecossistema, usufruem de sua conectividade global (DJICK et al., 2018).

Dentro disso, e em relação às audiovisualidades e à tecnocultura, que já visualizamos que estão fortemente vinculadas aos usos e apropriações das plataformas digitais, temos que o uso estratégico destas está atrelado à forma como elas se estruturam e funcionam. Incidem junto a isso as questões de autenticidade e as implicações algorítmicas disso no âmbito das plataformas, que também estão vinculadas a imaginários

sociotécnicos e a outros desdobramentos. Iremos detalhar e discutir essas questões na próxima seção deste trabalho.

Algoritmos e imaginários sociotécnicos

Por meio da valorização da transparência das ações dos usuários das plataformas, estes têm a sua autenticidade operacionalizada em plataformas de redes sociais, nas quais são provocadas suas respostas previsíveis aos alertas e às notificações, o que guia a previsibilidade nas plataformas (CHUN, 2021). Dentro desse processo, articulam-se os algoritmos das plataformas dentro de sistemas de recomendação.

Guarda relação com isso o debate entre a circunstância de ações humanas e maquínicas e sua imbricação com algoritmos, considerando-se que os que são de aprendizado maquínico se atualizam por meio da semelhança dos novos dados com os anteriores, por meio de ferramentas de *software* preditivas, que filtram usuários, informações e itens, no que conhecemos como sistemas personalizados de recomendação (CHUN, 2021). Isso se articula na forma de aprendizagem para computadores adotada por Turing (1950 apud CHUN, 2021), que torna os algoritmos mais opacos, fazendo com que não se saiba com clareza o que as máquinas estão fazendo em seus processamentos (CHUN, 2021).

Estes sistemas de recomendação acabam por amplificar tendências anteriores e limitar escolhas em função de anteciparem desejos dos usuários a partir de dados de histórico, procurando influenciar o comportamento dos usuários e incidindo em ferramentas de busca e métodos de mineração de dados, para além do comércio eletrônico. Nesse âmbito, ampliam divisões ao constituir uma micro segmentação conformada (CHUN, 2021).

O comportamento dos usuários é, desse modo, moldado por esses sistemas de recomendação, inclusive por meio de gatilhos de ações previsíveis com base em controvérsias, circunstância em que os usuários, ainda que suas visões sejam as mesmas dominantes, sentem-se defensores de um ponto de vista original e controverso. São zonas carregadas de afeto, consistindo em áreas e momentos de crença e autenticidade para os usuários, e suas reações colaboram para o aprendizado maquínico dos algoritmos no sentido de delinear os limites de polarizações. Na ausência de detalhamentos tão apurados

para suas recomendações, os sistemas fazem uso de dados demográficos para, a partir disso, irem compilando informações para seu funcionamento (CHUN, 2021).

Importante pontuar que as possibilidades de diversidade coletiva são diminuídas por esses sistemas, que compreendem políticas identitárias como não-autênticas e que cruzam os limites de suas categorizações. Dessa forma, categorias identitárias como orientação sexual, raça, gênero e outras são fatores latentes, e a forma como são utilizados ocasiona circunstâncias discriminatórias (CHUN, 2021).

Essas questões estão implicadas com o funcionamento das plataformas, inclusive as de redes sociais e as de *streaming*, seja de conteúdos em vídeo ou em áudio. Há, portanto, uma imbricação desses aspectos e de seus desdobramentos com as audiovisualidades e a tecnocultura. Um exemplo é a atuação de humanos, de caráter editorial, mesclada com as lógicas algorítmicas, por meio da infraestrutura automatizada de algoritmos, compor a curadoria de conteúdos no contexto contemporâneo.

No âmbito das plataformas de música, por exemplo, há a discussão do uso do termo “algo-torial”, que une “algorítmico” e “curatorial”, para designar o processo de produção e ajustes das *playlists* nas plataformas de *streaming*, que é perpassado por relações de poder. As *playlists*, como resultado desse processo, estão sempre abertas para revisão, a partir de lógicas curatoriais humanas regidas por algoritmos, de acordo com regimes de visibilidade e gerando outros novos (BONINI; GANDINI, 2019).

Nisso também incidem imaginários, vistos como crenças coletivas sobre o modo de funcionamento de uma sociedade (JASANOFF, 2015), que podem ser observados como futuros atingíveis (JASANOFF; KIM, 2009). Estes desdobram-se nos imaginários sociotécnicos, inicialmente conceituados como formas de vida e ordenamento social coletivamente imaginadas que se refletem na realização e no delineamento de projetos tecnológicos e científicos a isso relacionados (JASANOFF; KIM, 2009), capacidade esta de imaginar futuros que é fundamental para a constituição da vida social e política.

Em uma abordagem mais atual, imaginários sociotécnicos são redefinidos como visões de futuros desejáveis motivadas por uma compreensão compartilhada de modos de ordenamento e de vida social atingíveis com avanços em tecnologia e em ciência, que são coletivas, institucionais e performadas de forma pública. Os imaginários sociotécnicos decorrem de como diferentes visões de bem coletivo, em sua produção e performance, estão implicadas com ciência e tecnologia a partir do trabalho imaginativo de variados atores sociais (JASANOFF, 2015).

Relacionam-se a isso os imaginários algorítmicos como a forma na qual os algoritmos são experienciados, percebidos, compreendidos e imaginados pelos usuários de plataformas em sua vida cotidiana. Isso também incide no que essa imaginação possibilita (BUCHER, 2017). Ou seja, podemos dizer que os imaginários algorítmicos são imaginários sociotécnicos referentes à circunstância dos processos de plataformação articulados no contexto contemporâneo.

Esse movimento guarda relação com o reconhecimento, por parte dos usuários, do funcionamento dos algoritmos em plataformas, que pode ser nomeado como *algorithmic awareness* (GRAN et al., 2020). Em uma discussão sobre o poder dos algoritmos, observa-se que os imaginários algorítmicos afetam o modo como esses sistemas são utilizados, assim como o que os usuários pensam sobre eles. Os afetos e sensações que os algoritmos auxiliam a gerar são experienciados pelas pessoas, e assim elas experimentam o algoritmo, para além de sua sequência de instruções matemáticas que dizem a um computador o que fazer (BUCHER, 2017).

Une-se a isso o sentido que é produzido pelos usuários a partir do que experienciam, que molda suas expectativas com relação a esses sistemas e, por consequência de seus usos e apropriações, também o algoritmo. Isso se reflete, por exemplo, quando usuários adaptam seus horários, formatos de conteúdos, realizam escolhas textuais, dentre outros, em plataformas de redes sociais, para otimizar seu uso e tornar suas contribuições “algorítmicamente reconhecíveis” (BUCHER, 2017).

Dessa forma, para interagir com o mundo, usuários de plataformas constroem modelos mentais sobre o funcionamento dos algoritmos, o que constitui os imaginários algorítmicos junto ao poder afetivo e produtivo dessa imaginação (BUCHER, 2017). Como discutimos anteriormente neste trabalho, tratam-se de articulações que têm uma densidade ideológica que se desdobra política (GALLOWAY, 2012) ao pensarmos as estruturas dos sistemas de recomendação algoritmizados e suas diferentes implicações (CHUN, 2015; 2021), também relacionadas com imaginários sociotécnicos e as ações das pessoas diante disso, inseridos em disputas de poder (MAGER; KATZENBACH, 2021)

Algoritmos são visualizados como elementos cujos processos são opacos, secretos e ocultos, o que motiva rumores com respeito a eles e às ações tomadas a partir de uma noção de seu funcionamento, no que pode ser indicado como *algorithmic gossip*. Trata-se de um recurso de produção coletiva de conhecimento e de um movimento subversivo de resistência e contestação de poder, considerando-se as condições de desigualdade dos

produtores culturais em relação às plataformas nas quais trabalham. Desse modo, o conhecimento sobre um possível e experimentado funcionamento dos algoritmos é construído e compartilhado coletivamente, assim como colocado em debate e testado (BISHOP, 2019).

Algoritmos permitem ou restringem a visibilidade de conteúdos, construindo-a e moldando-a por meio de processos codificados implementados em plataformas (BISHOP, 2019). Assim, os diferentes usuários jogam o jogo da visibilidade nas plataformas a partir de estratégias algorítmicas por eles performadas, em um entendimento do modo como os sistemas funcionam unido a práticas de criadores de conteúdo baseadas em lógicas de empreendedorismo e de autenticidade (COTTER, 2018 apud BISHOP, 2019).

Isso está atrelado aos processos de produção cultural, historicamente vinculados às ações voltadas a gerir incertezas e riscos, e à opacidade de algoritmos de plataformas como o YouTube, do qual informações sobre como a visibilidade é determinada frequentemente não estão disponíveis para os criadores de conteúdo, gerando uma relação desigual. Nesse âmbito, obter visibilidade relaciona-se com oportunidades e remuneração, com implicações emocionais e financeiras e fazendo parte do trabalho aspiracional por meio de presença em plataformas de redes sociais (BISHOP, 2019).

Dessa forma, podemos dizer que os imaginários sociotécnicos em relação às plataformas são alimentados pelos imaginários algorítmicos que se articulam a partir da experiência de usuários com esses sistemas e o reconhecimento (*awareness*) de como é seu funcionamento. Ambos também carregam elementos de rumores (*gossip*) algorítmicos a partir da contestação de informações oficiais das plataformas no confronto com o conhecimento obtido e compartilhado por meio dos usos e apropriações que as pessoas realizam dessas tecnologias.

Considerando-se, por exemplo, as modificações trazidas a partir de usos e apropriações através do tempo, o consumo de conteúdos em plataformas de redes sociais e de *streaming* perpassando o dia a dia se transformou. Temos, portanto, a importância da visada tecnocultural, pois a tecnocultura coloca-se como a cultura transformada por uma tecnologia emergente, constituindo-se como os efeitos de um meio, que são o devir das mudanças que se operam na cultura (MCLUHAN, 1969), em um processo de *loop de feedback* entre as tecnologias (SHAW, 2008). Assim, pensamos as materialidades midiáticas como substâncias da cultura, esta vista como práticas das mídias e dos

espectadores na forma de usos e apropriações, e em suas técnicas e estéticas (FISCHER, 2013).

Isso tem impacto tanto nas questões relacionadas à produção de conteúdos em plataformas, assim como na curadoria e no consumo. Fazendo a relação com a tecnocultura, temos que os processos que relacionam plataformização, *streaming* e audiovisuais, de diferentes modos, se modificam, se ressignificam e se retroalimentam. Isso ocorre entre mídias, plataformas, tecnologias, pessoas e temporalidades.

Com isso, visualizamos a relevância do desdobramento do debate no que tange a imaginários sociotécnicos. Este incide de forma premente no modo como as tecnologias são desenvolvidas, experienciadas e, com isso, articuladas e transformadas.

Considerações finais

Propusemos, neste trabalho um debate entre conceitos trazidos por diferentes autores no que se refere a audiovisuais, tecnocultura, plataformização e imaginários sociotécnicos. O olhar estabeleceu-se em diálogo com o contexto contemporâneo da plataformização dos diferentes processos sociais, que se desdobram em imaginários e nas ações cotidianas das pessoas em nossa sociedade.

Trata-se de uma proposta que buscou articular elementos pertinentes às temáticas elencadas, tensionando também questões sobre o funcionamento dos algoritmos nos sistemas de recomendação das plataformas, assim como suas implicações. A visada tecnocultural, aliada à perspectiva das audiovisuais, colocou-se como fator relevante para o estabelecimento de uma discussão que observa as plataformas e seus desdobramentos nos usos e apropriações, assim como a retroalimentação entre meios e usuários e outras questões que disso decorrem e a isso se relacionam.

Concluimos, com isso, a importância de um debate dos conceitos de audiovisuais, tecnocultura, plataformização e imaginários sociotécnicos a partir de um olhar contemporâneo, buscando contribuir para o campo da Comunicação e ampliar a discussão junto aos pares no ambiente da pesquisa acadêmica e na sociedade.

Referências

- BISHOP, S. Managing visibility on YouTube through algorithmic gossip. **New Media and Society**. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444819854731>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- BONINI, T.; GANDINI, A. “First Week Is Editorial, Second Week Is Algorithmic”: Platform Gatekeepers and the Platformization of Music Curation. **Social Media + Society**. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305119880006>. Acesso em: 02 ago. 2020.
- BUCHER, T. the algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2016.1154086>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- BURROUGHS, B. E. **Streaming media: audience and industry shifts in a networked society**. Thesis (Doctor of Philosophy). University of Iowa, 2015. Disponível em [h3p://ir.uiowa.edu/etd/1833](https://ir.uiowa.edu/etd/1833). Acesso em: 02 ago. 2020.
- CHUN, W. H. K. **Discriminating data: correlation, neighborhoods, and the news politics of recognition**. Cambridge: The MIT Press, 2021.
- CHUN, W. H. K. On software, or the persistence of visual knowledge. **Grey Room**. 2005. Disponível em https://www.academia.edu/779925/On_software_or_the_persistence_of_visual_knowledge Acesso em: 22 maio 2022.
- DIJCK, J. **The culture of connectivity**. A critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.
- DIJCK, J.; POELL, T., DE WAAL, M.. **The Platform Society: public values in a connective world**. New York: Oxford University Press, 2018.
- FISCHER, G. D. Do audiovisual confinado às audiovisuais soterradas em interfaces enunciativas de memória. In: KILPP, Suzana (org), FISCHER, Gustavo Daudt, LADEIRA, João Martins, MONTAÑO, Sonia. **Tecnocultura audiovisual: Temas, metodologias e questões de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FISCHER, G D. Tecnocultura: aproximações conceituais e pistas para pensar as audiovisuais. In: KILPP, Suzana; FISCHER, Gustavo Daudt. (Org.). **Para entender as imagens: como ver o que nos olha?**. 1 ed. Porto Alegre: Entremeios, 2013.
- GALLOWAY, A. R. **The Interface Effect**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- GRAN, A.; BOOTH, P.; BUCHER, T. To be or not to be algorithm aware: a question of a new digital divide? **Information, Communication & Society**, 24:12, 1779-1796. London: Taylor & Francis, 2020.
- JASANOFF, S.; KIM, S. H. Containing the Atom: Sociotechnical Imaginaries and Nuclear Power in the United States and South Korea. **Minerva** 47:1,1 9 -46. New York: Springer, 2009.

JASANOFF, S. Future Imperfect: Science, Technology, and the Imaginations of Modernity. *In*: JASANOFF, S.; KIM, S. H. (org.). **Dreamscapes of modernity: sociotechnical imaginaries and the fabrication of power**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2015.

KILPP, S. **A traição das imagens**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

KILPP, S. Interfaces contemporâneas da tv: paradigmas durante em telas de dispositivos móveis. *In*: KILPP, Suzana (org), FISCHER, Gustavo Daudt, LADEIRA, João Martins, MONTAÑO, Sonia. **Tecnocultura audiovisual: Temas, metodologias e questões de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MAGER, A.; KATZENBACH, C. Future imaginaries in the making and governing of digital technology: Multiple, contested, commodified. **New Media & Society**. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444820929321>. Acesso em: 10 mai. 2023.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MONTAÑO, S. O usuário como construto nas interfaces do YouTube. *In*: KILPP, Suzana (org.), FISCHER, Gustavo Daudt, LADEIRA, João Martins, MONTAÑO, Sonia. **Tecnocultura audiovisual: Temas, metodologias e questões de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MONTARDO, S. P.; VALIATI, V. A. D. **Streaming de Conteúdo, Streaming de Si?** Elementos para análise do consumo personalizado em plataformas de streaming. *In*: Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_75B9JW1EYIJ1B85G9WJN_28_7691_21_02_2019_17_41_34.pdf. Acesso em: 02 ago. 2020.

POELL, T.; NIEBORG, D.; DICK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01/60747734>. Acesso em: 02 ago. 2020.

SHAW, D. B. **Technoculture: the key concepts**. New York: Berg, 2008.